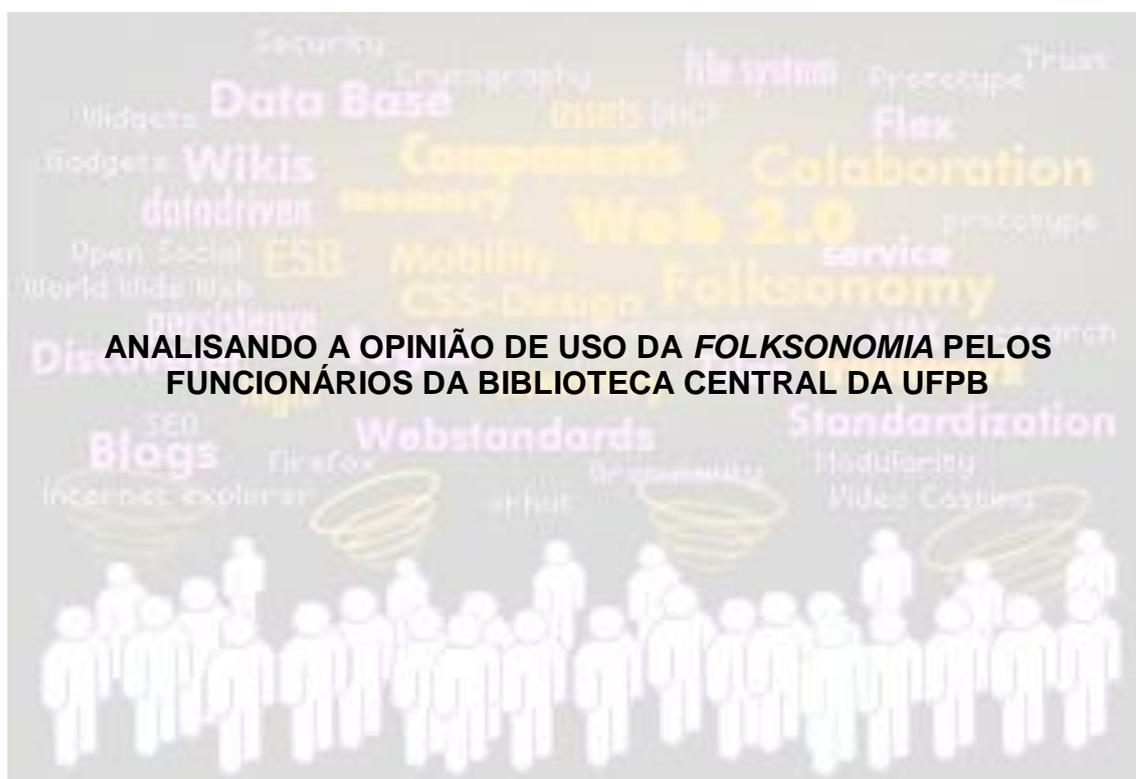


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

ANDRÉA MOREIRA DOS SANTOS



**ANALISANDO A OPINIÃO DE USO DA *FOLKSONOMIA* PELOS
FUNCIONÁRIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB**

ANDRÉA MOREIRA DOS SANTOS

**ANALISANDO A OPINIÃO DE USO DA *FOLKSONOMIA* PELOS
FUNCIONÁRIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Ms. Márcio Bezerra da Silva

FICHA CATALOGRAFICA

S586a

Santos, Andréa Moreira dos

Analisando a opinião de uso da *Folksonomia* pelos funcionários da Biblioteca Central da UFPB / Andréa Moreira dos Santos. – João Pessoa: [s.n.], 2013.

58f.: il.

Orientador: Ms Márcio Bezerra da Silva

Monografia de Graduação em Biblioteconomia, apresentada ao Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial necessário para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

1. Representação temática da informação. 2. Sistema de automação de biblioteca. 3. Web 2.0. Folksonomia. I. Título.

CDU: 025.4(043.2)

ANDRÉA MOREIRA DOS SANTOS

**ANALISANDO A OPINIÃO DE USO DA *FOLKSONOMIA* PELOS
FUNCIONÁRIOS DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento as exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

APROVADO EM _____/_____/2013

BANCA EXAMINADORA

Professor Ms. Márcio Bezerra da Silva
Orientador (Universidade Federal da Paraíba)

Professora Ms. Alba Lígia de Almeida Silva
Membro (Universidade Federal da Paraíba)

Professora Ms. Suzana Queiroga
Membro (Universidade Federal da Paraíba)

Primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo ao longo desta jornada, pois sem Ele, eu não sou nada. A minha família e aos meus verdadeiros amigos, por acreditarem no meu sucesso.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pela força, paciência, energia, bravura e sabedoria para enfrentar o cansaço e vencer os obstáculos que a vida nos apresenta.

A minha **família**, por me apoiar e estimular nas atividades desenvolvidas: Kleber Alvino da Silva (esposo), que diante de tudo usou de compreensão mesmo quando parecia impossível; Nadir Rodrigues Guerra de Medeiros (tia), mas para mim é a representação da figura materna, que não desistiu de mim, sabendo que sou motivo de orgulho para ela; Clarissa Rodrigues Guerra de Medeiros (prima), que para mim é a irmã que tenho sempre perto. Antonia Pereira (sogra); Pedro Alvino (sogro); e a todos vocês por todo incentivo nos estudos. Obrigado a vocês por serem parte da minha família. Vocês não sabem a imensidão do amor que eu tenho por vocês.

Agradeço ao Márcio Bezerra da Silva por cumprir a norma institucional de ser meu orientador oficial e que me acompanhou como mestre durante o curso. Sua colaboração foi de fundamental importância para a conclusão do meu curso, com sua paciência, dedicação, amor e carinho pelo que sabe fazer de melhor. Ele é um verdadeiro mestre para todos os alunos do curso e um exemplo a ser seguido. Foi maravilhoso ser sua aluna. Você fez toda a diferença para que tivéssemos este final.

A Tahis Virgínia Gomes da Silva minha supervisora de estágio supervisionado, ao coordenador Fernando Augusto Alves Vieira Agradeço por sua gentileza e compreensão em todos os momentos que eu estive presente, Cristiana da Silva Dantas uma amiga que conquistei neste curto tempo de estágio.

Aos meus amigos que compõe, assim como eu, o corpo de alunos deste curso tão desafiador e ao mesmo tempo tão maravilhoso, com os quais dividi momentos de prazer e de angústias, todos focados na realização profissional.

Aos meus verdadeiros amigos que ao longo da vida me presentearam com sua companhia, sempre mostrando companheirismo e paciência, lealdade e, principalmente, a amizade. Agradeço ao Breno Eduardo, Genildo Batista, Gilson da Silva, Mônica Soares e Sérvulo Fernandes.

Ao Dr. Islan P. Nascimento, meu otorrino, que tem se dedicado a amenizar a minha dor e foi fundamental para que eu desenvolvesse este trabalho, e a sua equipe que me tratam com muita gentileza.

A todos os companheiros de trabalho.

Ao corpo docente desta instituição, especialmente a vice-coordenadora do curso Alba Lígia de Almeida Silva, por sua compreensão e carinho.

A todos que sempre acreditaram no meu potencial.

Muito obrigada!

“Que os novos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

(Charles Chaplin)

RESUMO

Mensura o desejo de uso da *Folksonomia* pelos funcionários que fazem parte da Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no sistema de automação de biblioteca (SAB). Discute biblioteca, representação da informação e *Web 2.0* com enfoque na *Folksonomia*. Adota como percurso metodológico as técnicas exploratória, bibliográfica e abordagem de coleta de dados quanti-qualitativa com fins de analisar a opinião dos funcionários da BC da UFPB quanto ao uso da *Folksonomia* no sistema automação de biblioteca (*Ortodocs*). Encontra como resultados de pesquisa a aprovação pelo uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*), o conhecimento sobre *Folksonomia* pelos funcionários e a constatação de que a biblioteca pode ser considerada como atualizada ao adotar a *Folksonomia*, adotando os preceitos da *Web 2.0*. Concluímos que o uso da *Folksonomia* é desejado pela maioria dos funcionários pesquisados, e a grande questão seria os usuários colaborarem uns com os outros, como também com os bibliotecários, apresentando sugestões de termos a serem inseridos na taxonomia padrão do sistema, ou seja, realizando a coexistência entre Taxonomia e *Folksonomia*. Almeja-se que novos estudos sobre essa temática, pois o sistema híbrido (Taxo + Folk) pode ser o meio termo desse debate, o qual um modelo potencializará e influenciará o outro com vistas à colaboração social.

Palavras-chave: Representação temática da informação. Sistema de automação de biblioteca. *Web 2.0*. *Folksonomia*.

ABSTRACT

Measures the desire to use Folksonomy by employees who are part of the Federal University of Paraiba (UFPB) Central Library (BC) in library automation system (LAS). Discusses library, information and representation with a focus on Web 2.0 Folksonomy. We adopt the techniques exploratory, bibliographic and approach data collection quantitative and qualitative as methodology of investigation with purposes of analyze the opinion of officials of BC UFPB regarding the use of folksonomies in your library automation system (Ortodocs). The search results are the approval for the use of Folksonomy in SAB (Ortodocs), knowledge about Folksonomy by employees and the realization that the library can be considered to adopt the updated Folksonomy, adopting the principles of Web 2.0. We conclude that the use of Folksonomy is desired by the majority of employees surveyed, and the big question would be users to collaborate with each other, as well as librarians, presenting suggestions for terms to be inserted into the taxonomy system default, in other words, performing coexistence between Taxonomy and Folksonomy. One hopes that further studies on this topic since the hybrid system (Taxo + Folk) may be the middle of this debate, a model which will empower and influence others with a view to social collaboration.

Keywords: Representation of thematic information. Library automation system. Web 2.0. Folksonomy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Taxonomia vs <i>Folksonomia</i>	32
Figura 2	Nuvem de <i>tags</i> no <i>WordPress</i>	33
Figura 3	Taxonomia e nuvem de <i>tags</i> no <i>Slideshare</i>	34
Figura 4	Nuvem de <i>tags</i> no <i>Flickr</i> agrupada por <i>cluster</i>	35
Figura 5	Fachada da BC da UFPB	40

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1	Grau de instrução	42
Tabela 1.1	Nível Médio	43
Tabela 1.2	Nível superior	43
Tabela 1.3	Curso de formação	44
Tabela 2	Frequência do uso da internet por semana	45
Tabela 3	Uso de programa das redes sociais	45
Tabela 3.1	Programa das redes sociais	46
Tabela 4	Significado de <i>Folksonomia</i>	47
Tabela 5	Rotular/postar informações na web	47
Tabela 6	Uso do SAB (<i>Ortodocs</i>)	48
Tabela 6.1	Classificação de assuntos	48
Tabela 7	Aprovação do uso da <i>Folksonomia</i> no SAB (<i>Ortodocs</i>)	49
Tabela 8	Uso da <i>Folksonomia</i> no SAB (<i>Ortodocs</i>)	50
Tabela 9	Biblioteca atualizada pelo uso da <i>Folksonomia</i> no SAB (<i>Ortodocs</i>)	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C	Antes de Cristo
BC	Biblioteca Central
CC	Ciência da Computação
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CCAÉ	Centro de Ciências Aplicadas e Educação
CCEN	Centro de Ciências Exatas da Natureza
CCHLA	Centro de Ciências Humanas Letras e Arte
CCHSA	Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias
CCJ	Centro de Ciências Jurídicas
CCM	Centro de Ciências Médicas
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCSA	Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CE	Centro de Educação
CI	Ciência da Informação
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONSUNI	Conselho Universitário
CT	Centro de Tecnologia
CTDR	Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PSS	Processo Seletivo Seriado
REUNI	Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades
RDF	Resource Description Framework
RSS	Rich Site Summary
SAB	Sistema de Automação de Biblioteca
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPA	Universidade Federal da Paraíba
UFPI	Universidade Federal do Piauí
XML	Extensible Markup Language

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 GERAL.....	15
2.2 ESPECÍFICOS.....	15
3 BIBLIOTECA: berço de conhecimento	16
4 DISCUTINDO REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	18
4.1 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO.....	20
5 A GERAÇÃO WEB 2.0: a Internet do momento	24
5.1 FERRAMENTAS E SERVIÇOS DA WEB 2.0.....	26
5.1.1 Folksonomia: indexação e classificação coletiva	29
6 METODOLOGIA DA PESQUISA	36
6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	36
6.2 UNIVERSO DA PESQUISA.....	37
6.3 ETAPAS E AMOSTRAGEM DE PESQUISA.....	41
7 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA	42
7.1 PERFIL DOS PESQUISADOS.....	42
7.2 USO DA INTERNET E FOLKSONOMIA.....	44
7.3 USO DO SAB (ORTODOCS) E A FOLKSONOMIA NO SISTEMA.....	48
7.4 BIBLIOTECA ATUALIZADA PELO USO DA FOLKSONOMIA.....	51
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	57

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos antigos, a biblioteca vem sendo um local de conservação de livros, documentos etc., por razões intelectuais e/ou particulares. A ideia de conservação percorre o tempo, não pelos aspectos disseminadores de informação, mas no sentido de poder, de dominação, de guarda, como as abadias, os mosteiros da Idade Média. De acordo com Eco (1983), as bibliotecas mantinham um pensamento de domínio e impedia que qualquer pessoa que não fosse escolhido tivesse acesso ao conhecimento, pois quem tinha a informação detinha o poder.

Segundo Silva Filho (1998), com a expansão da Europa no século XII e o surgimento de várias universidades em meados do século XIII, a vida cultural foi deslocada dos mosteiros, surgindo à necessidade de buscar documentos em outros locais. Com isso, desenvolveu-se a figura do estacionário, o que correspondia a alguém que conservava e divulgava os textos.

Chegando a contemporaneidade, as bibliotecas já tinham outra ideologia, buscando tratar e organizar informação com fins de recuperação para o seu público. Agora, a disseminação torna-se fundamental para o sucesso da biblioteca, especialmente no século XXI, através do avanço das recentes tecnologias da informação (TI). A biblioteca assume novas perspectivas, novos serviços e, principalmente, busca romper as paredes físicas e permitir que a informação seja acessada de qualquer local pelos usuários.

Nesse percurso, aliado ao desenvolvimento das sociedades surgiu uma variedade de tipos de bibliotecas, dentre as quais podemos citar a infantil, escolar, universitária entre outras, que apresentarão características distintas. Mas para que as bibliotecas atinjam seus objetivos, todas devem facilitar, ao seu público-alvo, o acesso aos documentos nela distribuídos, obedecendo a critérios pré-estabelecidos de organização e distribuição do próprio acervo.

A fim de favorecer uma recuperação satisfatória dos materiais documentários, alguns procedimentos/técnicas precisam ser adotadas, as quais se incluem a representação temática da informação, que é desenvolvida a partir da indexação e da classificação desses materiais. Segundo Lancaster (2004, p. 6), “indexação envolve descrever o conteúdo de um documento, através de termos comumente selecionados de algum tipo de vocabulário controlado”.

Assim, como objetivo principal de uma lista de termos de indexação, chamado de índice, pode-se indicar o que trata um documento ou sintetizar seu conteúdo. A segunda técnica necessária para que os documentos sejam posteriormente e satisfatoriamente recuperados pelos usuários, subsidiados pela etapa anterior, é a ação de classificar, definida por Piedade (1983) como a ação de dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças.

No contexto da representação, os documentos devem estar compreensíveis aos seus usuários, representados segundo o uso de termos, palavras-chave, *tags*, descritores, símbolos etc. para sua efetiva organização e eficiente recuperação. As ações supracitadas têm o seu valor, a sua importância, nas unidades de informação, substanciadas pelos aspectos sociais, culturais, religiosos etc.

Reconhecendo as contribuições que estas técnicas biblioteconômicas podem oferecer a sociedade, no que se refere à produção de conhecimento, decidimos por enveredar ao caminho digital, mais especificamente à Internet. Olhar a representação temática da informação nesse ambiente é delinear o caminho de encontro a *Folksonomia*, ação de representação adotada na *Web 2.0*. Para tanto, enquanto aluna do curso de biblioteconomia, decidimos por levar esta discussão para a Biblioteca Central (BC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como maneira de permitir uma nova forma de representar a informação em seu sistema de automação e, assim, proporcionar uma forma dinâmica e atraente de oferecer seus serviços aos usuários.

Definida a biblioteca de pesquisa, se fez necessária elaborar um plano de trabalho. Neste momento surgiram questões que representaram a problematização deste estudo, conforme as leituras sobre a aplicação da *Folksonomia* em ambientes digitais: *Os funcionários da Biblioteca Central conhecem a Folksonomia? Os funcionários da Biblioteca Central têm interesse em usar a Folksonomia no sistema de automação? Quais são as opiniões dos funcionários da BC pelo possível uso da Folksonomia no sistema de automação?*

A partir da contextualização apresentada, para responder a nossa problematização, uma fundamentação teórica foi elaborada, constituída por discussões sobre biblioteca, representação da informação e *Web 2.0*, especialmente a *Folksonomia*. Em seguida, trataremos da metodologia da pesquisa; depois analisamos e interpretamos os dados da pesquisa; e, por fim, apresentamos as considerações finais e expectativas para estudos futuros.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a opinião dos funcionários da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba quanto ao uso da *Folksonomia* no sistema automação de biblioteca (*Ortodocs*).

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o conhecimento dos funcionários da Biblioteca Centra da UFPB com relação ao uso das ferramentas oferecidas pela *Web 2.0*;
- Analisar o conhecimento dos funcionários da Biblioteca Central sobre as ferramentas da *Web 2.0* e *Folksonomia*;
- Elencar ferramentas da *Web 2.0*;
- Verificar a opinião dos funcionários da Biblioteca Central quanto ao uso da *Folksonomia* no Sistema de Automação de Bibliotecas *Ortodocs*.

3 BIBLIOTECA: berço de conhecimento

Como sabemos, é de longa data que as bibliotecas estão relacionadas à formação do conhecimento das sociedades. Segundo Silva (2011, p. 22, grifo do autor), “A palavra *biblioteca* vem do grego *biblioteke*, através do latim *bibliotheca*, tendo como raiz *biblion* e *theke*”.

Inicialmente como guardiãs e depósitos de livros, como as abadias dos castelos, as bibliotecas mais tarde abririam suas portas ao público e, assim, se tornaria a porta de entrada para o desenvolvimento do conhecimento, de modo que ela também contribui para o desenvolvimento intelectual que pode vir a influenciar o indivíduo em tomada de decisão em sua vida no futuro. Prova disso é a presença das bibliotecas nas escolas, nas universidades, como espaços do conhecimento que oferecerão os suportes necessários para a concretização das informações disseminadas em sala de aula. Neste sentido, Milanesi (2002, p. 99) defende que a biblioteca é um ambiente de socialização, conhecimento e aprendizado, que permite as pessoas, “[...] encontrar informações, discutí-las e criar novas informações”. Fragoso e Duarte (2004, p.167) complementam defendendo que as bibliotecas podem ser consideradas “preservadoras e geradoras de conhecimento”, sendo “[...] um local onde está arquivado um conjunto de ‘registros de conhecimento’ – seja ele escrito, desenhado ou pintado”.

Conforme a sua trajetória histórica e a evolução das sociedades, a biblioteca foi se adaptando e criando diferentes vertentes. Silva e Araújo (2009, p. 19, grifo do autor), defendem que na história, três períodos marcam a trajetória das bibliotecas:

Biblioteca Tradicional: de Aristóteles (384 a.C.) até o início da automação (1960); **Biblioteca Moderna ou Automatizada:** uso de computadores nos serviços técnicos (catalogação e organização do acervo de 1970 até dias atuais); **Biblioteca do Futuro:** considerada Biblioteca Eletrônica, sem paredes (recuperação de informações ou texto completo disponível on-line) de 1990 em diante.

No que diz respeito aos tipos, Henn (2010) nos apresenta as seguintes bibliotecas, a saber:

- **Escolar:** serve à escola atendendo os alunos de tal,
- **Universitária:** que serve a instituição da qual ela faz parte, ampliando essa atenção mais além do que a biblioteca escolar, reunindo obras das áreas do conhecimento por ela abordadas;
- **Especializadas:** atende a uma área do conhecimento humano e a um público específico;
- **Nacional:** reúne a bibliografia nacional, inclusive obras raras;
- **Pública:** atende a um público mais geral do que as quatro inicialmente citadas, pois ela está à disposição de toda a comunidade, destacando-se na questão do acervo em relação à biblioteca especializada, pois abrange várias áreas do conhecimento.

Cada uma das bibliotecas aqui citadas precisa compreender o perfil do seu usuário, fazendo-se necessário um estudo para identificar o perfil de seus visitantes, sendo esta uma ação indispensável para a criação e manutenção de uma unidade de informação. Além disso, as informações ali presentes precisam estar adequadas à língua dos usuários, levando em consideração a formação acadêmica, características culturais entre outras, com fins de uma satisfatória recuperação de informação e, assim, ver sua necessidade ser atendida.

A biblioteca pode ser considerada uma facilitadora para o desenvolvimento do conhecimento humano, a partir da realização de pesquisas científicas, suporte a extensão, integração cultural e promoção do lazer etc.. Mesmo com as inovações tecnológicas, a biblioteca não perde o seu brilho e continua na busca pela excelência no atendimento as necessidades de quem a frequenta. A sua presença na sociedade é de longa data e não é por acaso que a chamamos de *berço do conhecimento*. Mas para tanto, o seu acervo precisa estar em harmonia com a forma em que seus usuários veem e compreendem o mundo, ou seja, que o acervo esteja corretamente representado a partir de técnicas, como a representação da informação.

4 DISCUTINDO REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO.

A informação, de modo geral, vem ganhando cada vez mais importância na formação das sociedades. Ela vem atuando como elemento direcionador na tomada de decisão onde a informação será aplicada, seja no âmbito pessoal ou profissional. Porém, para que realmente seja utilizada, se torne útil a quem dela necessita, é necessário um tratamento técnico para fins de torná-la compreensível ao usuário, para que seja organizada/classificada e, por fim, para que seja recuperada. De acordo com Da Silva e Neves (2010, p. 1), esta ação ocorre ao longo dos tempos, apresentando diversas formas e técnicas usadas para organizar o conhecimento humano.

Para realizar este tratamento técnico, podemos citar a Ciência da Informação (CI) por ter em sua essência as ações supracitadas. Dentre os estudiosos, destacamos Capurro (2003), pois “ressalta que a ciência da informação essencialmente busca a produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”. Ainda na CI, podemos encontrar como campo de atuação a Biblioteconomia. Dentre as suas várias definições, citemos a da American Library Association (ALA), citado por Russo, (2010) como uma "área voltada para a aplicação prática de princípios e normas à criação, organização e administração de bibliotecas".

Diante disso podemos dizer que a biblioteconomia, dentre as suas temáticas de estudo, estão a representação e a organização da informação, especialmente pelo atual panorama interdisciplinar e também multidisciplinar do estudo de práticas nos mais diferentes ambientes de informação, tais como bibliotecas tradicionais, ambientes virtuais, centros de documentação, centros de pesquisa etc..

Levando-se em consideração a forma em que a informação é compreensível e disponibilizada para o usuário, destacamos a ação da *representação da informação*, a qual vem desenvolvendo-se em um processo crescente de atuação, utilizando ferramentas que promulguem a facilitação na recuperação da informação, com pontos de vista variados no que diz respeito ao assunto analisado.

Na área da CI, bem como na Biblioteconomia, especialmente no campo da representação da informação, estudos vem sendo realizados, como os de Miranda (2005), Da Silva e Neves (2010), entre outros estudiosos, para a criação de

ferramentas e reestruturação de teorias no sentido de serem mais confiáveis, apresentarem uma linguagem próxima ao do usuário, contribuir para uma correta organização e, conseqüentemente, atingir um sucesso no processo de busca e recuperação. Neste sentido, os sistemas de informação, mais conhecidos na citada área do conhecimento como sistemas de recuperação da informação (SRI), a partir de um clique documental, oferecerão práticas que permitirão a troca de informação (conhecimento) de forma rápida e eficiente, e com isso, haja uma melhor disseminação, eliminando as possíveis barreiras que possam vir a desestimular o usuário que vai a busca do conhecimento.

De modo geral, a informação obedece a um sistema cíclico documental onde envolve várias etapas, que vai desde a seleção; passando pela aquisição; depois pelo registro; em seguida pela análise e tratamento do assunto; depois pela recuperação; mais tarde a disseminação; até a preservação, ficando disponível ao usuário de forma/perspectiva a atender suas necessidades.

Todos estes processos ocorrem em ambientes físicos e, nos últimos tempos, também nos virtuais, a partir da chamada revolução tecnológica, momento em que deflagra a produção de informação cada vez mais crescente. Sendo assim, também aumenta a necessidade de uma correta representação da informação disponível em determinando ambiente. O insucesso nessa etapa acarretará na frustração do usuário, tanto por problemas de navegação, quanto pela imprecisão nas buscas.

A partir do panorama apresentando, sobre representação da informação, podemos compreender que esta ação descreve e identifica um documento de acordo com o seu assunto, e essa determinação do assunto ocorre por meio da análise conceitual do documento, onde é realizada uma leitura documental. Nesta visão podemos nos basear em Pierce, citado por Pinto, Meunier e Silva Neto (2008, p. 25), ao defender que a representação da informação é formada por três elementos: signo (*representamen*), objeto (representante do signo) e interpretante (efeito, ideia). Conforme os autores, “[...] o sujeito tem sempre suas próprias maneiras de perceber e nomear as coisas e os objetos do mundo”, fazendo com que cada um represente da forma que lhe seja prática. Os usuários vão à busca de algo que lhe seja compreensível e, na visão de Pierce, os signos pode ser uma forma mais prática para facilitar sua busca. Sendo assim, Da Silva (2011, p. 27-28, grifo do autor) afirma que:

Uma bola, por exemplo, pode ter várias interpretações, seja pelo seu tamanho, tipo, finalidade etc. [...] nos mostra uma interpretação ocorrida na *semiosis ilimitada* de Peirce, por meio de um elemento circular, um signo, que por sua vez nos remete ao objeto bola e que nos faz interpretá-la uma bola de vôlei de praia. Porém, a imagem apresentada é uma bola de *rubik*, que é uma espécie de quebra cabeça, cubo mágico no formato circular.

A partir da semiótica ilimitada de Pierce, podemos verificar que vários são os resultados que podemos interpretar a partir do elemento “bola”, especialmente pela diferente carga de conhecimento variável a cada pessoa.

A representação da informação pode ocorrer em duas perspectivas: uma chamada de *descritiva* e outra de *temática*. A descritiva, conhecida também como catalogação, fornece uma descrição única e precisa do documento, servindo para estabelecer as entradas de autor e apresentar informações bibliográficas adequadas para identificá-lo nos sistemas de busca.

[...] a catalogação é o estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários arcervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários. (MEY, 1995, p. 5)

Na segunda perspectiva citada, a temática, é responsável pelo processo de extrair ou atribuir termos representativos aos documentos com o objetivo de referenciá-los para uma melhor recuperação. Além disso, é preciso que se tome uma decisão, não somente quanto ao que é tratado no documento, mas pelo que ele se apresenta de interesse ao usuário, conforme discutiremos na próxima subseção.

4.1 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

De forma ampla, a representação temática da informação admitirá que os termos representados em uma unidade de informação, além de permitir o acesso correto ao documento pelo usuário, possibilitem ao profissional da informação uma oportunidade de estudo sobre o assunto analisado, tornando-se assim um estudioso sobre o elemento a ser representado.

Para Miranda (2005, p. 117), os processos da representação temática da informação ocorrem de acordo com as seguintes fases: “primeiro coletamos os dados e as informações, segundo as classificamos usando um sistema de relações ontológicas, e finalmente os disponibilizamos para os usuários”.

A representação temática da informação, também chamada de indexação, nomenclatura muito utilizada em áreas como a CI e a Ciência da Computação (CC), é uma prática que visa obter termos, palavras-chaves, *tags* e símbolos de determinado documento, com a finalidade de permitir o acesso do usuário ao conteúdo informacional ao qual necessita.

De acordo com Piedade (1983, p. 9) “[...] indexar abrange tarefas tais como identificação de um documento, determinação do assunto de que trata a seleção dos termos a empregar para representar nos índices”, de modo que se emprega o uso de linguagem natural ou controlada/artificial, enfatizando o processo da representação que permite a combinação de vários conceitos criando um sistema. Segundo Lancaster (1993, p. 200, grifo do autor), linguagem natural “[...] normalmente se refere às palavras que ocorrem em textos impressos, considerando-se como seu sinônimo a expressão “texto livre””. Já para Bhattacharya (1974 *apud* LOPES, 2002, p. 42), afirma que a linguagem natural “[...] é viável com um controle mínimo de terminologia, ou mesmo com total ausência de controle nessas áreas”. Por sua vez, à linguagem artificial/controlada, Lopes (2002, p. 42) afirma que “esta, denominada também vocabulário controlado, pode ser definida como um conjunto limitado de termos autorizados para uso na indexação e busca de documentos”.

Quanto à linguagem artificial, os sistemas formados a partir dos termos indexados são classificados quanto a suas coordenações, entre pré-coordenado e pós-coordenado. Piedade, (1983, p. 10) afirma que “os sistemas que fazem a indexação à base de conceitos compostos, isto é, assuntos que consistem em dois ou mais conceitos simples ou combinados, são chamados sistemas pré-coordenados”. Ainda segundo a autora, por outro lado, “os sistemas pós-coordenados utilizam conceitos simples na indexação, e a combinação ou coordenação de conceitos para obtenção de conceito compostos é feita no momento da recuperação”.

Como exemplos dos sistemas pré-coordenados, destinados originalmente para ambientes considerados físicos, citemos a Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU), Classificação Expansiva de Cutter,

Classificação da Biblioteca do Congresso, Classificação de Brow, Classificação de Bliss e Classificação de Ranganathan. Já como exemplos de sistemas pós-coordenados, os quais toram o nome “termo” por “descriptor”, destacamos: Unitermos e Tesauros.

Nos ambientes virtuais, a realidade não é diferente, pois existem várias formas de representação da informação que exigem habilidades, tanto do usuário, como do indexador. Neste sentido, podemos encontrar o uso de sistemas pré-coordenados nos Sistemas de Automação de Bibliotecas (SAB), assim como uso de cabeçalhos de assunto em sites e bibliotecas digitais. Entretanto, para representar a informação numa perspectiva mais flexível e complexa de relações, o Tesouro vem sendo usado, especialmente áreas como da Saúde, exemplificando pelo Tesouro do Ministério da Saúde¹; e Ciências Jurídicas, como o Tesouro do Supremo Tribunal Federal².

A indexação é, portanto, o ato de identificar um documento de acordo com suas características, feito por uma análise para que seus termos sejam colocados em uma linguagem documentária, permitindo sucesso na hora de sua recuperação.

A representação da informação deve ser bem sucedida, para posterior sucesso na organização e possível satisfação na etapa de recuperação. Não é de se estranhar quando alguns autores enfatizam que a análise conceitual é o elemento basilar para o sucesso de qualquer SRI. Segundo Novelino (1996, p. 38), “sob o ponto de vista da representação da informação, ênfase é dada a organização do conhecimento”. Para Piedade (1983, p. 16), “classificar é dividir em grupo ou classes, segundo as diferenças e semelhanças”.

Nesta discussão, as autoras nos chamam atenção para o fato da organização do conhecimento, por ser um processo involuntário, uma vez que o homem vive em um mundo onde há a necessidade de se organizar a cada minuto, também merece atenção nos ambientes considerados digitais. Nesses meios, a informação tem a necessidade de novas técnicas e uso de determinadas ferramentas para que haja uma troca de conhecimento entre o usuário e o indexador, especialmente no atual momento da *Web*.

¹ Site: <http://bvsmms.saude.gov.br/php/level.php?lang=pt&component=44&item=26>

² Site: <http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/pesquisarVocabularioJuridico.asp>

A informação é um ciclo que depende de organização para que haja funcionalidade, perpassando por várias fases/etapas/ciclos etc., assim como defende Barros (2004, p. 93), onde a “[...] transferência do saber e o intercâmbio de experiências dependem de uma comunicação eficaz, [...]”. Com isso, nos abre o prisma de discutir como ocorre essa representação e organização no ambiente denominado *Web 2.0*.

5 A GERAÇÃO *WEB 2.0*: a Internet do momento

Com a evolução tecnológica e o desenvolvimento informacional, as atividades de representação e organização da informação vêm desenvolvendo-se cada vez mais com a colaboração de várias pessoas. Em tempos anteriores, as formas de organização da informação e navegação eram realizadas e definidas apenas por profissionais. A partir da chamada *Web 2.0*, essa realidade mudou, assim como defende Da Silva:

[...] organizar a informação nesse ambiente já se tornou uma prática, uma necessidade de qualquer usuário virtual e, conseqüentemente uma ação presente no conjunto de todas as outras que realizamos. (DA SILVA, 2010, p.2)

Essas mudanças representam o atual ambiente da Internet chamado de *Web Social* ou *Web 2.0*, podendo ser considerada a maior revolução que a Internet já passou ao fornecer mais acessibilidade aos usuários quando se trata de disseminação da informação. Neste espaço, os usuários são constantes colaboradores para a construção de ambientes digitais/virtuais, fazendo com que esses navegantes se tornem parte nesta revolução.

A *Web 2.0* foi criada em 2004 por Tim O'Reilly, proprietário da empresa americana O'Reilly, para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, adotando o conceito de "*Web como plataforma*". Tal plataforma se consitiuiu de serviços como *Wikis*, aplicativos baseados em *Folksonomia*, redes sociais, *blogs*, *bookmarks*, RSS (Rich Site Summary) etc.. Para O'Reilly (2005, p. 2), "o serviço fica automaticamente melhor quanto mais pessoas usam", ou seja, quanto mais existir a coletividade, maior será a potencialidade na troca de informações para a construção do conhecimento.

A web 2.0 passa a apresentar "um nível de interação em que as pessoas poderiam colaborar para a qualidade do conteúdo disponível, produzindo classificando e reformulando o que já está disponível". (BLATTMANN; SILVA, 2007, p. 197, grifo dos autores)

No espaço em discussão não há regras para ser um colaborador, porém a ausência dessas normas não impede que se tenham conteúdos confiáveis. Esta é uma atribuição de cada participante com fins de uma disseminação satisfatória aos qua fazem parte do grupo.

A *Web 2.0* causou uma mudança considerável na era digital, já que para Davis (2005), a *Web 2.0* “é uma atitude e não uma tecnologia, pois trata da possibilidade e o incentivo a participação através de aplicações socialmente abertas”.

A *Web 2.0* revolucionou a forma de representar e classificar a informação, fazendo uso do recente crescente desenvolvimento tecnológico e trazendo, como consequência, a crescente massa informacional. Esta plataforma traz inovações e diferentes perspectivas para os SRIs, nos cabendo a prudência de defini-la, baseado em Da Silva (2010, p. 5), como uma forma que representa, organiza e disponibiliza informação. Mas para ter sucesso no atual momento da *Web*, esta organização deve ser feita de modo que o usuário encontre usabilidade e esteja em uma linguagem de fácil entendimento para o mesmo. Diante de disto, a *Web 2.0* nos fornece *blogs*, gerenciadores de conteúdo para sites, wikis, redes sociais etc., como novas formas de representação e organização da informação, bem como um novo estilo de interação entre o ambiente e seu usuário, proposta essa defendida pelo *Google*³ a partir dos seus serviços.

No atual contexto digital/virtual, as barreiras entre usuários e profissionais da informação estão cada vez menores, pois o próprio usuário atua como colaborador, fazendo uso de ações como representação, organização e disseminação da informação.

O colaborador, nome usado para o usuário da *Web 2.0*, usa palavras, a qual mudou para *tags*, de forma prática que lhe remeta a uma fácil recuperação da informação e permita a aproximação entre pessoas que comulgam das mesmas ideias, das mesmas *tags*. Esta ação se torna possível graças a Folksonimia, interpretada por Campos (2007, p. 3) da seguinte forma: “folksonomia se torna uma taxonomia quando gerada por um usuário para categorizar e recuperar conteúdo publicado na web por meio da criação de rótulos”.

³ Site: <http://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/products/>

De modo que esta representação, organização e recuperação de informações funcionem “[...] com base no hipertexto, que subverte antigas formas de taxonomia e converge com os ideais de cooperação derivados da noção de web 2.0”. (AQUINO, 2007, p. 3). Neste sentido, surge um novo jeito de representar e organizar a informação para que seja recuperada de forma a atender a necessidade do usuário com linguagem natural, substanciado pela ideologia da *Web 2.0*, ou seja, auxiliando o usuário, tanto na construção da inteligência coletiva, quanto na recuperação da informação criada, editada e disponibilizada.

Diante do contexto acima abordado, elencamos na seguinte subseção algumas ferramentas e serviços que a *Web 2.0* disponibiliza aos recentes usuários da Internet.

5.1 FERRAMENTAS E SERVIÇOS DA WEB 2.0

Podemos encontrar várias ferramentas e serviços disponíveis na *Web 2.0*. Os serviços considerados precursores desta fase da Web são os chamados *Bookmarking*, que é um sistema tido como favoritos ou marcadores de livre acesso, objetivando guardar os endereços de sites que mais gosta, além de compartilhar esta lista com outros usuários. A ferramenta inicial que trouxe a proposta do *Bookmarking* foi o *Delicious*, ao qual foi desenvolvido por *Joshua Schachter* e começou a funcionar na Web no final de 2003. Mais tarde, em 2011, viria a tornar-se propriedade da AVOS Systems⁴, empresa de Chad Hurley e Steve Chen, fundadores do *YouTube*. Segundo o *Wikipédia* (2013, grifo do autor), o *Delicious* é apresentado da seguinte forma:

O *Delicious* oferece um serviço *on-line*, que permite adicionar e pesquisar *bookmarks* sobre qualquer assunto. Mais do que um mecanismo de buscas para encontrar o que se quer na web, é uma ferramenta para arquivar e catalogar os sites preferidos para acessá-los de qualquer lugar. Serviços similares, de compartilhamento de links favoritos, costumam ser conhecidos pelo termo inglês "social bookmarks".

⁴ Site: <http://avos.com/>

Outra ferramenta de sucesso e marca o início da Web 2.0 é o *Flickr*, que tem como objetivo atuar como serviço de hospedagem e compartilhamento de imagens/fotografias e vídeos. Ainda segundo o *Wikipédia* (2013), o *Flickr* é considerado da seguinte maneira:

[...] um dos componentes mais exemplares daquilo que ficou conhecido como Web 2.0, devido ao nível de interatividade permitido aos usuários. O site adota o popular sistema de categorização de arquivos por meio de *tags* (expressão em inglês que poderia ser traduzida como *etiquetas*).

Serviços como o *Flickr* também são comumente chamados de *flogs*, termo abreviado de *fotolog* (foto e *blog*). Conforme a *Wikipédia* (2013), *flog* “[...] é um registo publicado na [*Web*] com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um *blog*”. A grande diferença para o *blog* é que no *flog* se dá o uso acentuado de imagens, ao invés de textos, como é a proposta do primeiro citado.

Mais um serviço que marcou a etapa primária da Web 2.0 foi o RSS, mnemônica traduzida para extenso como *RDF Site Summary*, *Really Simple Syndication* e *Rich Site Summary*. Surgido no início de 1999, por programadores da empresa de navegação da *Web Netscape*⁵, o RSS propôs o uso de arquivos de extensão *eXtensible Markup Language* (XML), RSS ou *Resource Description Framework* (RDF) para gerar os chamados *feeds* ou *feeds RSS*, ou seja, segundo Alecrim (2011), sites e *blogs* podem divulgar conteúdo novo de maneira rápida e precisa. Para o usuário, a vantagem está em poder ser informado de cada novidade de seus sites preferidos.

Outros mais serviços existem e para não delongar, destacamos o *Facebook* e o *Twitter*, que são ferramentas rotuladas como redes sociais; a *Wikipédia*, que é uma ferramenta *Wiki* de colaboração e pesquisa, inclusive decidimos por prestigiá-la enquanto referencial teórico adotando as devidas precauções quanto à autenticidade das informações; e os *blogs*, que são ferramentas de divulgação de informação no formato de contos, relatos, experiências etc..

A proposta da *Web 2.0* também atingiu a biblioteca, a rotulando-a também como 2.0. Diferente da biblioteca tradicional, que precisa de um espaço físico, e que para ter acesso ao acervo deve-se estar presente, a biblioteca 2.0 permite que seus

⁵ Site: <http://netscape.aol.com/>

usuários tenham acesso, através da rede, enfatizando a inteligência coletiva, especialmente no que se refere ao compartilhamento de informação.

Segundo Maness (2007, p45), a biblioteca 2.0 disponibiliza serviços aos usuários da seguinte maneira:

[...] aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web, e sugere que esta definição seja adotada pela comunidade biblioteconômica.

Desta forma, a Biblioteca 2.0 não trata de ser apenas uma biblioteca física, com livros organizados em estantes, embora o termo seja biblioteca. Ela existe em um espaço virtual/digital, constituído por um grupo de pessoas que é a própria comunidade com interesses comuns. O objetivo maior deste espaço é compartilhar informações, conteúdos e/ou documentos. É neste cenário que o bibliotecário 2.0 atua fazendo conexões relevantes entre informações com sua comunidade, além de auxiliar as pessoas na resolução de seus problemas quanto as suas necessidades.

A partir deste panorama digital/virtual, faz-se necessário que o bibliotecário esteja atualizado para cumprir com o seu dever de gerir a informação, especialmente derrubando barreiras físicas e ampliando o compartilhamento de informação. Esta, talvez, seja atualmente uma das grandes questões do citado profissional, com fins de definir as maneiras de adotar as ferramentas da *Web* 2.0, melhorar os seus serviços e satisfazer os usuários de forma cada vez mais rápida e dinâmica.

O bibliotecário 2.0 tem na desordem digital a chance de categorizar e organizar as informações da *Web* para que sua utilização pelo usuário seja eficaz, além de ser um aliado participativo com as comunidades e com as pessoas no desenvolvimento de novos serviços da plataforma aqui estudada. Por vezes, o bibliotecário 2.0 pode, inclusive, se tornar um intermediador na *Web*, dando suporte ao usuário por meio de interações na hora da construção de suas perguntas e avaliando como os usuários representam tematicamente os conteúdos acessados.

5.1.1 *Folksonomia*: indexação e classificação coletiva

A *Folksonomia* é uma ação de indexação e classificação coletiva, feita por usuários de forma livre. Catarino e Baptista (2007) explica a formação do termo *Folksonomia*:

A tradução do termo *folksonomy* que é um neologismo criado em 2004 por *Thomas Vander Wal*, a partir da junção de *folk* (povo, pessoas) com *taxonomy*. Para Wal (2006), *Folksonomia* é o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas (*tagging*) a informações ou objetos (qualquer coisa com *URL*⁶), visando à sua recuperação. A atribuição de etiquetas é feita num ambiente social (compartilhado e aberto a outros).

A frustração na busca por uma informação está longe de ser solucionada, sendo um dos maiores desafios enfrentados pelos profissionais da informação na atualidade, mas, tomando como base a fala de adeptos da *Folksonomia*, como *Vander Wal*, tais profissionais devem promulgar pela organização de informação de forma simples, natural, permitindo que sejam encontradas rapidamente e falando a mesma língua dos usuários. Dentro deste novo contexto, Aquino (2007, p.3) afirma que “[...] recuperação de informações que funciona com base no hipertexto, subverte antigas formas de taxonomia e converge com os ideais de cooperação derivados da noção de *web 2.0*”.

A *Folksonomia* pode ser considerada o resultado da etiquetagem dos recursos da *Web* num ambiente social pelos próprios usuários, visando recuperação em ambientes abertos que possibilitem o compartilhamento e até, em alguns casos, uma construção conjunta de informação.

O seu funcionamento é bem simples, onde o usuário é quem indexa e organiza as informações na *Web* (texto, foto, e-mail, página da internet, filme etc.), que por sua vez usa palavras-chave, no caso da plataforma aqui discutida, denominamos de *tags*. Essas ações ocorrem sem o envolvimento de um profissional especializado e de um vocabulário controlado

A palavra em inglês *tag*, em português traduzido como etiqueta, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado usado para representar o resultado da *Folksonomia*. Em países como os Estados Unidos, a ação da *Folksonomia*, de

⁶ *Uniform Resource Locator* (Localizador-Padrão de Recursos).

adotar *tags*, é comumente chamada de *tagging*, revelada em português como *tagueamento*.

Esse sistema de indexação e classificação oferece uma série de características que a tornam interessante ao atual público da Web, pela sua liberdade e interatividade, mas negada por profissionais mais conservadores da representação da informação.

Da Silva, Silva e Kato (2010), afirmam que três características possam ser consideradas as mais relevantes da *Folksonomia*: flexibilidade, identificação de padrões e colaboração social. Ainda segundo Da Silva (2010, p. 9-10, grifo do autor), estas características são assim definidas:

- A *Flexibilidade* é considerada a vantagem mais clara do uso desse tipo de sistema de classificação da informação, ao nos basearmos em outras estruturas como as taxonomias e as ontologias, pois, nem sempre, o esquema engessado de vocabulários controlados das taxonomias consegue ser abrangente e ágil o bastante para lidar com uma base de informações que cresce de forma muito rápida e dinâmica;
- A *Identificação de Padrões* [...] possibilita a identificação de padrões de organização de informação, conceitos compartilhados e de colaboração entre as pessoas, por meio de tecnologias de Data Mining⁷ e de análise de redes sociais. Esses padrões podem ser usados para identificar o surgimento de grupos de interesse em torno de assuntos e temas de maior afinidade, assim como o mapeamento de como os usuários coletam, organizam, compartilham e reutilizam as informações presentes no ambiente em uso;
- Na *Colaboração Social*, a informação ganha relevância por meio de uma espécie de *filtro social*. Caso os usuários comunguem quanto à relevância de uma mesma informação e a classificam com uma mesma *tag*, a probabilidade de recuperação dessa informação será muito maior. Além disso, a relevância dos termos também serve como um facilitador de colaboração, permitindo que usuários que categorizam informações com a mesma *tag* possam perceber afinidades em determinado assunto e colaborar em torno deste.

A partir das características apresentadas, é muito importante analisar em que tipo de contexto a *Folksonomia* será usada, uma vez que ela possui seus benefícios, mas também pode ser problemática. Outra característica, considerada por alguns estudiosos como o ponto negativo da *Folksonomia* é forma Anárquica como nascem os termos, as *tags*, fazendo com que algumas situações combatidas por sistemas de classificação tradicionais venham à tona.

Da Silva (2010, p. 10, grifo do autor) destrincha como seria esta característica dita como negativa:

- [...] o uso de *Plurais* pode ser um grande problema, caso o SI não apresente, em sua recuperação, capacidade de associar palavras no singular e no plural. Desta forma, o sistema irá considerar tais palavras como classificações distintas;
- [...] a possibilidade de existência da *Polissemia* [...]. Uma palavra pode representar inúmeros significados, de acordo com o contexto em que é aplicada, como, por exemplo, a palavra *manga* que, segundo o Dicionário Aurélio (2009), pode assumir seis definições diferentes;
- A *Sinonímia* é outro ponto a ser observado [...], já que a utilização de diferentes palavras consideradas semelhantes, que assumem o mesmo significado para representar determinada informação, faz com que, ao se efetuar uma busca com a utilização de uma *tag* escolhida pelo usuário, o sistema não recupere todos os itens relacionados ao assunto, como, por exemplo, as palavras *cão* e *cachorro* para o assunto *animal amigo do homem*;
- O uso de palavras consideradas *Egoístas* também pode contribuir [negativamente, pois a] *Folksonomia* não impõe regras para a escolha das *tags* a serem utilizadas. Com isso, o usuário poderá fazer uso de certas palavras que fazem sentido exclusivamente a ele, podendo atrapalhar na recuperação da informação, dificultar o desenvolvimento de atividades que necessitem daquela informação e direcionar para a tomada errada de decisões;
- [...] a *Escrita incorreta* também merece atenção no uso da *Folksonomia*. Neste caso, devido a não existência de um controle no processo de indexação feito por especialistas, como os bibliotecários, faz com que a indexação e posterior classificação de conteúdos com *tags* que possuem grafia errada seja muito maior.

Pensando neste dualismo de valores, estudos surgiram, como de Da Silva (2010), Silva e Kato (2010), que incentivam a coexistência entre *Taxonomia* e *Folksonomia* (Taxo + Folk), uma potencializando a outra. Tomando como base os autores, acreditamos que esta seja uma faceta da organização da informação e representação do conhecimento que merece o desenvolvimento de estudos. Para entender melhor o dualismo aqui levantado, veja a figura 1:

Taxonomia vs Folksonomia	
Especialistas	Usuários
Maior esforço de implementação	Implementação rápida
Preciso	Inconsistente
Estático	Dinâmico
Perspectiva da organização	Perspectiva do Usuário
Escopo Fechado	Escopo Aberto
Alto investimento	Baixo investimento
Maior localização de conteúdos relevantes	Menor localização de conteúdos relevantes
Navegação focada	Navegação exploratória

Figura 1: Taxonomia VS Folksonomia.

Fonte: Silva e Kato, 2010.

Como exemplo de aplicação pura da *Folksonomia* temos o gerenciador de conteúdo *WordPress*⁷ (figura 2), que permite aos usuários adotarem *tags* livremente. Inclusive, os sites que fazem uso da *Web 2.0* oferecem uma nuvem de *tags* (*tag cloud*), ou seja, um conjunto de termos usados pelos usuários. Quanto maior for a quantidade de uso de certa *tag*, maior será o seu destaque na citada nuvem, como aumento do tamanho da fonte (letra), uso da formatação negrito etc.

⁷ Site: <http://pt.wordpress.com/>

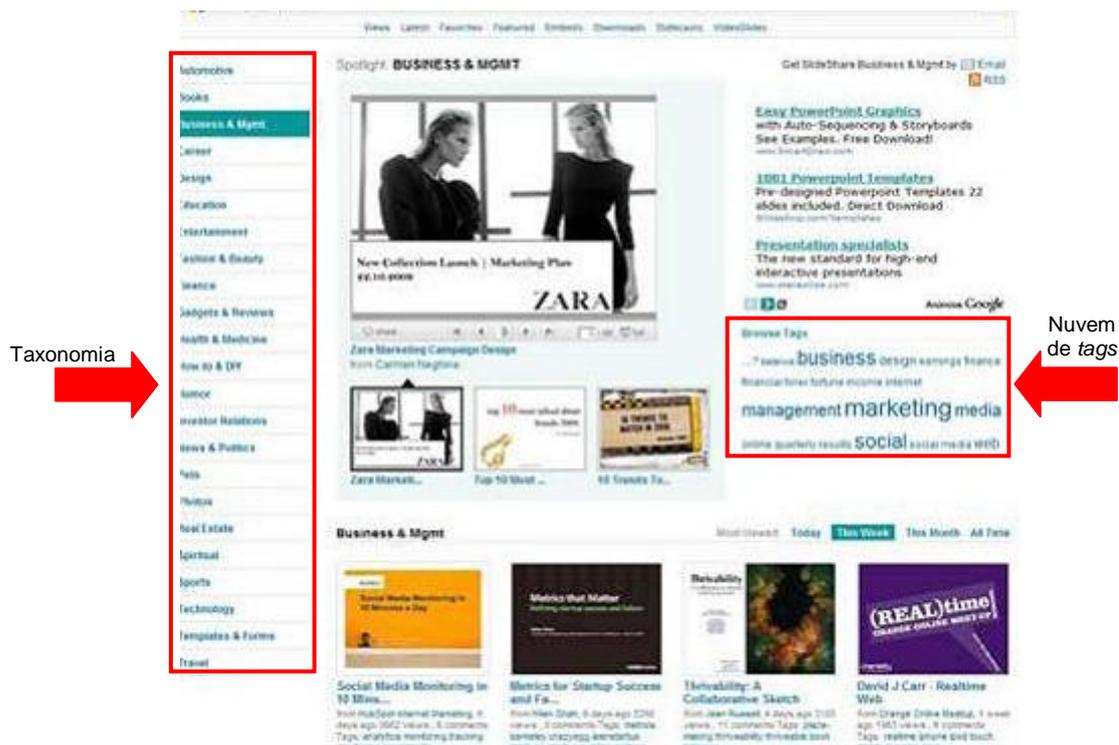


Figura 3: Taxonomia e nuvem de tags no Slideshare.
 Fonte: Site Slideshare, 2013.

Diante disto, podemos dizer que o modelo exemplificado é considerado um sistema híbrido, pois uma coisa complementa a outra, ou seja, *Folksonomia* influenciando a Taxonomia. Neste caso, os dois sistemas de classificação se completam, isto é, a *Folksonomia* é utilizada para elencar termos candidatos a comporem a Taxonomia. Esta ação é importante para os atuais ambientes digitais, provenientes da *Web 2.0*, devido a uma constância de mudança de terminologias e conceitos emergentes. Com isso, as tags adotadas pelos usuários estarão inseridas no constante processo de revisão e manutenção da Taxonomia.

Outro exemplo é a criação de uma estrutura semi-hierárquica de categorias das tags atribuídas pelos usuários. Para Mathes (2004 *apud* VIERA; GARRIDO, 2011) esta funcionalidade permite que “[...] as comunidades criadas em torno das tags, comunicam-se para mantê-las organizadas e debater acerca de seus significados possíveis”.

Esta é uma abordagem que pode ser encontrada de duas formas, ou seja, por meio dos próprios usuários construindo as relações de equivalência e hierárquicas, ou da geração automática de hierarquias.

As *tags* existentes são agrupadas seguindo critérios específicos, fazendo com que o usuário, ao realizar uma pesquisa sobre determinado assunto, tenha contato com os outros relacionados, assim como ocorre no serviço de armazenagem de imagens e vídeos *Flickr*⁹ (figura 4).



Figura 4: Nuvem de *tags* no *Flickr* agrupada por *cluster*.
Fonte: Site *Flickr*, 2013.

Diante do debate realizado sobre a *Folksonomia*, podemos vislumbrar o seu uso nos SAB, visando apresentar formas dinâmicas e interativas de representar e organização a informação com participação efetiva do usuário. A proposta seria dos mesmos colaborarem uns com os outros, além de apresentar sugestões de termos a serem inseridos na taxonomia padrão do sistema, criada e mantida por bibliotecários.

⁹ Site: <http://www.flickr.com/>

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa permite uma melhor compreensão de uma realidade, através de métodos investigativos para obtenção de bons resultados. De acordo com Silva e Menezes (2001, p.9), para que os resultados da pesquisa sejam satisfatórios, eles precisam “[...] estar baseados em planejamento cuidadoso, reflexões conceituais sólidas e alicerçados em conhecimento já existentes”.

Por isso, toda pesquisa segue um percurso metodológico com finalidade de realizar o estudo apresentado disponibilizando levantamento de dados de procedência confiável e depois avaliado, para que através dos métodos utilizados gerem o conhecimento necessário para que se possam obter resultados com êxito

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Toda pesquisa possui um percurso que o caracteriza. No caso da presente pesquisa, adotamos a pesquisa exploratória, que, segundo Gil (1991), visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

Envolve levantamento bibliográfico, sendo esta outra técnica de pesquisa adotada neste trabalho, por meio de questionários aplicados a pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

No que se refere à segunda característica deste estudo, ou seja, a pesquisa bibliográfica, Fachin (2001, p. 125) a define da seguinte forma:

[...] conjunto de conhecimentos reunidos nas obras. Tem como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa.

Quanto à abordagem de coleta de dados, essa pesquisa se caracteriza como quantitativa e qualitativa, uma vez que apresentamos dados quantificáveis, ou seja, "[...] significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las [...]", e em outro momento serão expostos dados a partir de análise qualitativa, através de uma "interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados [...]" (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

Definidas as características da pesquisa, se faz necessário definir o seu universo e, conseqüentemente, as etapas a serem cumpridas para a realização da coleta de dados.

6.2 UNIVERSO DA PESQUISA

A Instituição pesquisada foi criada pela Lei Estadual 1.366, de 02 de dezembro de 1955, e rotulada sob o nome de Universidade da Paraíba como consequência da união de algumas escolas superiores. Segundo o site da UFPB (2013b), posteriormente, com a sua federalização, aprovada e promulgada pela Lei nº. 3.835, de 13 de dezembro de 1960, foi transformada ao nome atual, Universidade Federal da Paraíba, agrupando faculdades existentes nas cidades de João Pessoa e Campina Grande.

A partir de sua federalização, a UFPB desenvolveu uma crescente estrutura multicampi, destacando-se das demais universidades federais do país que, em geral, apresentavam uma concentração de faculdades em local único.

Por possuir uma divisão em sete campi/campus de atuação localizados nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Areia, Bananeiras, Patos, Sousa e Cajazeiras.

A UFPB passou em 2002 por desmembramento de quatro dos seus sete campi, de modo que a UFPB transferiu esta separação a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com sede na cidade de Campina Grande. Segundo o site da UFPB (2013b), ficou composta legalmente pelo campus de João Pessoa (capital), Areia e Bananeiras, passando os demais campi (Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Sousa) a administração da UFCG.

Com a criação do Plano de Expansão das instituições públicas de ensino superior, do Governo Federal, criou-se em 2005 mais um campus que atendem os municípios de Mamanguape e Rio Tinto. Segundo o site da UFPB (2013b), mais tarde, em 2011, a Instituição passou a estruturar-se da seguinte forma:

- Campus I na cidade de João Pessoa:
 - Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN);
 - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA);
 - Centro de Ciências Médicas (CCM);
 - Centro de Ciências da Saúde (CCS);
 - Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA);
 - Centro de Educação (CE);
 - Centro de Tecnologia (CT);
 - Centro de Ciências Jurídicas (CCJ);
 - Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional (CTDR).
- Campus II na cidade de Areia:
 - Centro de Ciências Agrárias (CCA).
- Campus III na cidade de Bananeiras:
 - Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA).
- Campus IV nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto:
 - Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE) e dois novos centros criados em 2011 pelo Conselho Universitário (CONSUNI): Centro de Informática e Centro de Energias Alternativas Renováveis.

Nos últimos cinco anos, com a adesão ao novo Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades (REUNI), do Governo Federal, a UFPB teve um significativo aumento de tamanho e, hoje, se destaca como a instituição que disponibiliza o maior número de vagas do norte e nordeste brasileiro, preenchidas através de seu processo seletivo. Segundo o site da UFPB (2013b), a Instituição dobrou o número de vagas em 2012, ofertadas no Processo Seletivo Seriado (PSS), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Sistema de Seleção Unificada (SISU).

Destacando-se ao longo de toda sua história, a UFPB tem colaborado no desenvolvimento social do Estado, tanto no avanço científico e tecnológico regional, como na formação profissional com excelência, exportando talentos para outras regiões do país.

No âmbito da UFPB encontramos a BC, que teve o seu regimento iniciado em 1961, mas foi apenas em 11 de agosto de 1967 que foram apresentados primeiros passos para a concretização de sua criação efetiva.

Segundo o site da UFPB (2013a), foi nessa época que a UFPB decidiu implantar a BC Universitária no campus de João Pessoa, priorizando a obra da construção do seu prédio.

A primeira proposta de Estruturação da Biblioteca Central foi elaborada pelo renomado Professor universitário e Bibliotecário Edson Nery da Fonseca, o projeto foi intitulado como "Teoria da Biblioteca Central" (UFPB, 2013a, grifo do autor).

A construção até foi iniciada, mas não finalizada. Criou-se provisoriamente uma pequena sala para sua instalação, localizada no Instituto de Matemática, posteriormente passando para a Biblioteca da Escola de Engenharia. Até chegou a ser transferida para o prédio da antiga Faculdade de Educação. Tempos depois, passou a ocupar um espaço anexo ao prédio da Reitoria.

No final de 1976 retomou-se o processo de construção para estruturação e implantação da BC, com a reunião do acervo composto das treze bibliotecas setoriais (UFPB, 2013a). Tempos depois, a construção do prédio definitivo da Biblioteca Central (figura 5), com uma área construída de 8.500m², foi declarada pela necessidade de mais espaço para os novos bibliotecários e realização de novos serviços segundo o regulamento do Sistema de Bibliotecas.



Figura 5: Fachada da BC da UFPB.
Fonte: Google imagens, 2013.

O regulamento do Sistema de Bibliotecas foi aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) em 1980 com a missão de oferecer suporte informacional aos programas do tripé universitário.

Para melhor esclarecer a escolha do campo de pesquisa, define-se biblioteca universitária, assim como realizado na seção 3, como aquela que "[...] é considerada instituição essencial para orientar no processo de aprendizagem, atuando conforme o meio acadêmico a qual está inserida". (MEDEIROS, 2010, p. 23).

Frente a essa afirmação, pode-se reconhecer a relevância da biblioteca universitária para um melhor desenvolvimento do país, uma vez que a biblioteca universitária abraça todas as áreas do saber. Diante deste fato, é notável que a biblioteca seja uma instituição que podemos chamar de núcleo, pois é onde surge explicações para muitas de nossas perguntas quando estamos na academia. Mais ainda diante de toda recente evolução tecnológica, auxiliando na pesquisa científica por meio de ferramentas da *Web 2.0*.

6.3 ETAPAS E AMOSTRAGEM DE PESQUISA

Sabemos que uma boa pesquisa depende de vários fatores, de modo que na elaboração trabalho foi dividido em duas etapas, sendo a primeira relacionada aos estudos teóricos:

- **Pesquisa bibliográfica:** ofereceu o embasamento teórico para melhor compreensão da análise sobre o interesse de uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*) pelos funcionários da BC da UFPB. A pesquisa foi realizada com base em artigos científicos, livros, anais de eventos, monografias, teses e sites.

A segunda etapa foi à coleta de dados, que nos possibilitou realizar a análise e interpretação dos dados, subdividida em estudo de campo e questionário, conforme veremos a seguir:

- **Questionário:** permitiu a constatação de que os funcionários pensam a respeito do ambiente de pesquisa, especialmente sobre o uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*);
- **Questionário semiestruturado** (perguntas abertas e fechadas) aplicado no período de 11 a 12 de março de 2013 junto aos 20 funcionários da BC escolhidos aleatoriamente, correspondendo a nossa amostragem de pesquisa.

7 ANALISANDO E INTERPRETANDO OS DADOS DA PESQUISA

Para solucionarmos o problema que diz respeito à opinião dos funcionários da BC/UFPB quanto ao uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*), apresentamos a análise dos dados coletados, através da aplicação de um questionário semiestruturado, ou seja, contendo questões objetivas e subjetivas.

Na apresentação da análise, a primeira questão trata do perfil dos funcionários. Já as questões de dois até cinco abordam o uso dos funcionários na Internet e *Folksonomia*. Em seguida, das questões seis até nove indagamos sobre o uso dos funcionários no SAB (*Ortodocs*) e a possibilidade da *Folksonomia* no citado sistema. Por fim, na décima questão indagamos sobre a biblioteca ser considerada atualizada pelo uso da *Folksonomia*.

7.1 PERFIL DOS PESQUISADOS

Na primeira parte do questionário, buscamos identificar o perfil dos funcionários que compõe a BC/UFPB quanto ao seu *grau de instrução* (tabela 1).

Tabela 1 – Grau de Instrução

Frequência	Pesquisados	Porcentagem
Superior	18	90%
Médio	02	10%
Fundamental	00	00%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Percebe-se que a maioria dos funcionários da BC, representando 90%, tem nível superior. Já 10% possuem apenas o nível médio. Por se tratar de uma biblioteca universitária, este resultado já era esperado. Teoricamente, percebemos que a BC está bem assistida de profissionais capacitados, pois acreditamos que a formação em nível superior ajuda a compreender melhor as questões profissionais, podendo, inclusive na própria biblioteca, proporcionar maior qualidade no atendimento aos seus usuários.

Ainda na primeira questão, os funcionários foram solicitados a informar qual seria a classificação quanto ao seu *Nível Médio* (tabela 1.1), entre médio normal ou técnico-profissionalizante.

Tabela 1.1 – Nível médio

Formação	Pesquisados	Porcentagem
Não Informou	12	60%
Normal	05	25%
Técnico-profissionalizante	03	15%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Infelizmente, diferentemente do que esperávamos, especialmente por estarmos em uma biblioteca universitária, à maioria, representando 60%, não informou como se classifica o seu ensino médio.

Continuando na primeira questão, também procuramos descobrir o tipo de titulação quanto ao *Nível Superior* (tabela 1.2), entre graduação, especialização, mestrado e doutorado, respeitando a ordem de ocorrência.

Tabela 1.2 – Nível superior

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Graduação	13	65%
Mestrado	04	20%
Especialização	01	05%
Doutorado	00	00%
TOTAL	18	90%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Conforme o resultado da tabela 1.2, podemos perceber que a maioria, composta por 65%, possui graduação, fato este já esperando por estarmos em um ambiente onde a grande parcela do público presente é de estudantes. Além disso, outro fato que merece destaque é o não complemento do total de 20 pesquisados, pois, segundo os resultados anteriores, deduzimos que dois funcionários não possuem nível superior. A partir deste resultado, esperamos que os 25% restantes tenham o interesse de aprimorar ainda mais seus conhecimentos, visto que a busca pelo aperfeiçoamento acadêmico contribui para aprimorar o seu intelecto e facilitando, assim, o estudo, a proposição e o desenvolvimento de novas ferramentas, neste caso, da *Web 2.0*, inclusive o uso da *Folksonomia* em seu SAB.

Finalizando a primeira questão, nós solicitamos quanto aos que possuem *Nível Superior*, a citação de qual seria o seu curso de formação, conforme pode ser observado na tabela 1.3.

Tabela 1.3 – Curso de formação

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Biblioteconomia	12	60%
Mestrado	04	20%
Administração	01	05%
Especialização	01	05%
TOTAL	18	90%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Nesta questão, observamos que a maioria dos funcionários possui graduação em biblioteconomia, representando 60%, resultado este esperado, pois a biblioteca é o campo tradicional de trabalho do referido profissional. Mais uma vez, lembramos que para completar o total de 20 questionários, dois funcionários não possuem nível superior, assim como já ocorrido na tabela 1.2. O curso de graduação também pode ser considerável por ser uma área do conhecimento próxima à biblioteconomia, especialmente nas temáticas que envolvem a gestão da informação e do conhecimento. Por outro lado, infelizmente alguns funcionários responderam usando mestrado e especialização, nos impossibilitando de realizar uma melhor análise sobre essas duas opções de respostas. Pelo menos, são funcionários que, teoricamente, apresentam a preocupação numa melhor qualificação acadêmico e profissional. Ainda analisando a tabela 1.3, como a maioria possui formação em biblioteconomia, podemos esperar um olhar positivo às ferramentas e serviços que a *Web 2.0* vem nos oferecendo, dentre elas, a *Folksonomia*.

7.2 USO DA INTERNET E *FOLKSONOMIA*

Na segunda parte do questionário, procurando relacionar os funcionários com a Internet e seus serviços, questionamos quanto à frequência de uso (tabela 2) do citado ambiente digital.

Tabela 2 – Frequência de uso da internet na semana

Frequência (por semana)	Pesquisados	Porcentagem
Mais de 12 vezes	14	70%
6 a 9 vezes	03	15%
3 a 6 vezes	02	10%
9 a 12 vezes	01	05%
1 a 3 vezes	00	00%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Esta questão é bem interessante, pois mostra através da coleta de dados que independentemente do grau de instrução, 100% faz uso da internet. Além disso, a maioria acessa a internet mais de 12 vezes na semana, comprovando que o uso de ferramentas da internet vem aumentando e proporcionado, com isso, um consumo cada vez maior de informação. Vale salientar que durante a aplicação do questionário, percebemos que os funcionários fazem uso das ferramentas da Web 2.0 para interagir com amigos e familiares, como uma espécie de lazer.

Já que podemos considerar a frequência de uso da internet como intensa, provavelmente também há uma produção de informação constante. Neste sentido, nos abre um panorama de atenção para a necessidade de estudos sobre organização da informação, de maneira intuitiva, na mesma língua do usuário, com fins de uma efetiva e satisfatória recuperação de informação.

Seguindo a lógica da questão anterior, diante do uso da internet na semana, também decidimos perguntar sobre o uso de programas das redes sociais pelos funcionários (tabela 3), algo considerado rotineiro para os atuais navegadores digitais.

Tabela 3 – Uso de programas das redes sociais (Web 2.0)

Uso	Pesquisados	Porcentagem
Sim	19	95%
Não	01	05%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

O resultado mostra-nos que, atualmente, diante de tendências, gostos e culturas, é quase impossível não fazer parte deste mundo aonde à conectividade vem participando, cada vez mais, do meio informacional, assim como corresponde à maioria composta por 95% dos pesquisados. A necessidade de se comunicar e compartilhar arquivos, deflagrada pela ideologia da Web 2.0, vem aumentando de maneira crescente. Inclusive, as empresas, unidades de informação etc. estão

investindo nesses espaços, buscando angariar cliente/usuários por meio do marketing 2.0.

Ainda na terceira questão, solicitamos que fossem citados os programas presentes nas redes sociais (tabela 3.1) de uso mais frequente na internet pelos funcionários da BC/UFPB, com fins de complementar a questão anterior.

Tabela 3.1 – Programas das redes sociais (Web 2.0)

Programas (Web 2.0)	Pesquisados	Porcentagem
<i>Twitter e Facebook</i>	07	35%
<i>Facebook</i>	05	25%
<i>Facebook e LinkedIn</i>	05	25%
<i>LinkedIn e Delicious</i>	02	10%
Não utilizam	01	05%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Dentre as redes sociais mais usadas pelos funcionários, apresentadas na tabela 3.1, podemos destacar o *Twitter* e o *Facebook*, sendo a maior parcela, com 35%, corroborando com a realidade de uso atual, assim como apresenta o site Olhar Digital (2012), nos trazendo como resultado de uma pesquisa que “[...] o Facebook é a rede social mais dominante, sendo utilizado mensalmente por 90% dos pesquisados”. Quanto ao *LinkedIn*, segundo a Wikipédia (2013), “é uma rede de negócios fundada em Dezembro de 2002 e lançada em 5 de Maio de 2003. É comparável a redes de relacionamentos, e é principalmente utilizada por profissionais”. Por sua vez, ainda tomando como base a Wikipédia (2013, grifo do autor), o *Delicious* permite realizar o armazenamento e a pesquisa de “[...] *bookmarks* sobre qualquer assunto. Mais do que um mecanismo de buscas para encontrar o que se quer na web, é uma ferramenta para arquivar e catalogar os sites preferidos para acessá-los de qualquer lugar.

Vale salientar que alguns funcionários informaram desconhecer o significado de *Web 2.0*, apesar de terem escutado ou lido algo a respeito, além de não saberem que os serviços das redes sociais são ferramentas da própria *Web* estudada.

Diante do proposto anteriormente e buscando saber a opinião dos funcionários sobre a ação de indexação e organizar a informação na *Web 2.0*, perguntamos se os mesmos sabiam o significado de *Folksonomia* (tabela 4).

Tabela 4 – Significado de *Folksonomia*

Conhecimento	Pesquisados	Porcentagem
Sim	16	80%
Não	04	20%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Como era um fato esperado, de início, os funcionários tiveram dificuldades quando se depararam com a palavra em si. Foi preciso uma explicação sobre o que se tratava este termo. Depois de receberem a explicação, todos estiveram mais seguros para responder a questão, nos apresentando também mais um resultado esperado, neste caso, representado por 80%, ao tomarmos como base o conhecimento e uso dos pesquisados em ferramentas da *Web 2.0*, segundo as tabelas 3 e 3.1.

Na quinta questão, seguindo a lógica da questão anterior, procuramos descobrir se os funcionários têm o costume de rotular/postar informações sobre produtos em *Websites* como Livrarias, Supermercados, Lojas etc. (tabela 5).

Tabela 5 – Rotular/postar informações na *Web*

Rotulam/postam	Pesquisados	Porcentagem
Não	12	60%
Sim	08	40%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Fazendo um nexos com a tabela anterior, muitos sabiam o significado inconscientemente da *Folksonomia*, porém sem uma explicação não seriam capazes de responder tal questão. Uma vez que a maioria tem acesso à internet, por consequência, auxiliados pelas ferramentas discutidas anteriormente, os funcionários devem possuir habilidades com as *tags*, novas formas de etiquetagem, personalização de páginas e perfil etc.. Entretanto, como podemos observar que a maioria, composta por 60%, não rotulam/postam informações na *Web*, contrariando a nossa expectativa. Provavelmente, o tagueamento feito pelos funcionários se limita ao uso das redes sociais aqui levantadas, rotulando informações do perfil, nome de imagens, vídeos etc..

7.3 USO DO SAB (ORTODOCS) E A FOLKSONOMIA NO SISTEMA

Dando início a nova parte do questionário, na sexta questão, procuramos descobrir se os funcionários pesquisados fazem uso do SAB da BC (*Ortodocs*), conforme resultado apresentado na tabela 6. Para nós, esta é uma questão fundamental para a proposta do presente trabalho.

Tabela 6 – Uso do SAB (*Ortodocs*)

Uso	Pesquisados	Porcentagem
Sim	19	95%
Não	01	05%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Como era previsto, como todos os participantes da pesquisa são funcionários da BC, 95% faz o uso do SAB (*Ortodocs*). Esse resultado é importante para verificarmos, futuramente, a opinião dos mesmos sobre a atualização do sistema quando a integração da *Folksonomia* em sua estrutura. Atualmente, o sistema sofre mudanças e a maioria dos funcionários criam expectativas de melhor funcionalidade para o próximo sistema que será inserido ou atualizado, nos dando a entender que a pesquisa veio num momento oportuno para a tomada de decisão.

Dando sequência a questão seis, conforme o resultado da tabela 6.1, perguntamos como os funcionários classificam a descrição do material procurado no SAB, respostas estas que se valem da vivência profissional de cada um na BC.

Tabela 6.1 – Classificação dos assuntos presentes na descrição do material procurado

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Suficientes	10	50%
Insuficientes	08	40%
Não Informou	02	10%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Conforme podemos observar na tabela 6.1, a maioria, composta por 50% dos funcionários, está satisfeita com a classificação dos assuntos presentes na descrição do material procurado. Para termos mais segurança quanto à opinião dos pesquisados, solicitamos também que justificassem suas respostas. Com isso, os

funcionários que responderam como a maioria dos pesquisados, representada por 50%, julgam o sistema como suficiente a partir das seguintes falas:

P.A: “do ponto de vista de localização do material procurado seria suficiente”;

P.B: “é suficiente porque os assuntos do material indexado são desdobrados”.

Já nas outras respostas, destacamos os seguintes relatos dos funcionários que acham o sistema insuficiente, representados por 40%:

P.A: “sempre chegam informações novas”;

P.B: “o sistema é considerado insuficiente e rígido, para um sistema de bibliotecas”;

P.C: “com o uso de uma nova ferramenta teria uma facilidade na indexação e na recuperação da informação”.

As respostas aqui apresentadas, principalmente a dos respondentes insatisfeitos, se encontram com a nossa de que, tomando como base a interatividade e coletividade da *Web 2.0*, através de *Folksonomia*, o SAB (*Ortodocs*) é rígido, inflexível e não oferece um ambiente estimulante a participação de seus usuários.

Na próxima questão, perguntamos se os funcionários aprovam o uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*) com fins de melhorar ainda mais a satisfação aqui apresentada e reverter à insatisfação defendida por alguns pesquisados. Apesar de a questão ser uma pergunta inovadora, onde às vezes a novidade traz alguns conflitos, nos surpreendeu com os resultados obtidos, que estão elencados na tabela 7.

Tabela 7 – Aprovação do uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*)

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Sim	14	70%
Não	05	25%
Não Informou	01	05%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Os dados mostram que, apesar das resistências que acharíamos que poderiam se apresentadas no decorrer da pesquisa, os resultados obtidos foram satisfatórios, correspondente a 70% dos funcionários. Apesar de estar em processo de mudança e de saber que a versão atual do SAB *Ortodocs* não proporciona uma

flexibilidade de indexação e classificação, assim como defende a *Folksonomia*, a maioria desejaria ver o tagueamento do sistema e, assim, estimular os usuários a contribuírem com os bibliotecários, como também ajudando os outros usuários a encontrem o que buscam. Neste sentido, diante do resultado que nos foi apresentado, a aceitação da sobre *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*) foi surpreendente.

Na oitava questão (tabela 8), relacionada à questão anterior, perguntamos se os funcionários gostariam de usar a *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*), já que possuem a compreensão mínima sobre o modelo de representação e organização de informação da *Web 2.0*.

Tabela 8 – Uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*)

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Sim	13	65%
Não	06	30%
Não Informou	01	05%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

No que atinge 65% de aceitação, podemos dizer que realmente depois de conhecerem o significado da *Folksonomia*, a maioria dos funcionários gostaria de fazer seu uso corroborando, assim como esperávamos, com a questão anterior e com o que defende a *Web 2.0*.

Na nona questão, uma pergunta subjetiva/aberta, indagamos aos funcionários como a *Folksonomia* facilitaria suas pesquisas no SAB (*Ortodocs*). Dentre as respostas coletadas, destacamos:

P.A.: “seria mais um meio de buscar a informação facilitando a vida do usuário”;

P.B.: “tudo que é para facilitar a pesquisa é bom”;

P.C.: “com certo controle de qualidade para evitar descaracterização, ajudaria”;

P.D.: “com um teste, se aprovado poderia ajudar”;

As resposta mostram, com realismo, os anseios e as preocupações pelo uso da *Folksonomia*. Estudiosos mais tradicionais apresentam respostas como a do P.C. e P.D., entretanto, como mostramos na subseção 5.1.1, atualmente, podemos usar a *Folksonomia* concomitante com a Taxonomia, no que rotulamos de sistema híbrido. Também podemos verificar respostas positivas quanto ao uso de estratégias que

tragam benefícios as busca e pesquisas dos usuários, assim como enfatizaram os pesquisados P.A. e P.B. Entendemos que todas as respostas se encontram a partir da necessidade “usuário X sistema” e não simplesmente pela rotulação de um modelo ser melhor do que o outro, fazendo-se necessária a escolha de um sistema adequado ao acervo, produtos e serviços.

7.4 BIBLIOTECA ATUALIZADA PELO USO DA *FOLKSONOMIA*

A última questão da pesquisa (tabela 10) procurou consolidar ou não a opinião dos funcionários quanto ao uso da *Folksonomia* no SAB (Ortodocs) e se, dessa forma, a sua unidade de informação poderia ser considerada atualizada.

Tabela 9 – Biblioteca atualizada pelo uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*)

Classificação	Pesquisados	Porcentagem
Sim	14	70%
Não	04	20%
Não Informou	02	10%
TOTAL	20	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

Julgando a *Folksonomia* como uma ação de representação e organização da informação inovadora, especialmente no que diz respeito às bibliotecas, mais uma vez um resultado esperado foi confirmado. A partir das decorrências de aprovação e desejo de uso da *Folksonomia* no SAB (*Ortodocs*), a biblioteca pode ser considerada como atualizada, adotando os preceitos da *Web 2.0*. Prova disso é o desejo e a necessidade cada vez maior das bibliotecas e unidades de informação em geral de se integrarem as redes sociais e permitirem que seus usuários usem do tagueamento para rotularem as informações disponíveis no ambiente digital.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo partiu do contexto de que a representação dos documentos deve estar compreensível aos seus usuários, segundo o uso de termos, palavras-chave, *tags*, descritores, símbolos etc. para sua efetiva organização e eficiente recuperação. As ações supracitadas têm o seu valor, a sua importância para o bom funcionamento das unidades de informação, mas, ao longo do tempo. Com os recentes adventos tecnológicos, novas características e aplicações vêm sendo assumidas por tais ações.

Neste sentido, procuramos descobrir e assim avaliar a opinião dos funcionários da BC da UFPB quanto ao uso da *Folksonomia* em seu SAB (*Ortodocs*). Alguns dos pesquisados não conheciam o significado do termo, enquanto outros informaram que, além de conhecerem, participaram de cursos que abordaram a *Folksonomia*, valendo-nos em destacar que os mesmos gostaram e acharam interessante às informações que lhe foram apresentadas sobre o assunto.

O uso da *Folksonomia* ocorre na indexação e classificação em ambientes digitais, oriundos da *Web 2.0*. A partir dos preceitos da citada era da Internet, a *Folksonomia* busca uma construção coletiva de conceito de um determinado termo em comum por uma comunidade, na forma da linguagem natural. No caso da biblioteca, os usuários podem contribuir com a indexação e classificação do seu acervo respondendo questões de referência, orientando os participantes da mesma comunidade e, principalmente, oferecendo *tags* que venham fazer parte da Taxonomia base do sistema. A grande contribuição fica centrada nos usuários contribuírem na montagem de uma estrutura organizacional que fale a sua mesma língua, ou seja, a linguagem natural num ambiente formado pela flexibilidade, identificação de padrões e colaboração social, sendo a última característica a mais marcante da *Folksonomia* pelos estudiosos.

Conforme pôde ser visto na pesquisa, apesar de alguns funcionários considerarem a *Folksonomia* um termo desconhecido, a maioria aposta no novo. Uns com o receio natural daqueles considerados mais conservadores nos estudos sobre representação, e outros otimistas, usuários de serviços da *Web 2.0* e abertos a novas experiências.

Achamos importante mencionar que a BC está em fase de mudança de SAB, sendo esta constatação observada em alguns comentários dos próprios funcionários, informando, inclusive, o desejo que o novo sistema traga melhorias ao sistema, como a nossa pesquisa de uso da *Folksonomia*, desde que não descaracterize o sistema.

Mesmo que o uso seja inicialmente em pequena escala, que será uma espécie de teste, acreditamos que será uma tentativa que trará novas expectativas para a biblioteca. A BC deve ser ousada e cautelosa, pois a *Folksonomia* usada de maneira incorreta pode trazer prejuízos ao SAB (*Ortodocs*) e, conseqüentemente, aos seus usuários. Problemas como a forma anárquica que nascem os termos, as *tags*, tais como os plurais, polissemia, sinonímia, palavras egoístas e a escrita incorreta devem receber atenção especial.

Concluimos que o uso da *Folksonomia* é desejado pela maioria dos funcionários pesquisados, na expectativa de um ambiente dinâmico e interativo a partir da representação e organização de informação de forma coletiva. A grande questão seria os usuários colaborarem uns com os outros, como também com os bibliotecários, apresentando sugestões de termos a serem inseridos na taxonomia padrão do sistema, ou seja, realizando a coexistência entre Taxonomia e *Folksonomia*.

Almejamos novos estudos sobre essa temática. Os modelos de SAB apresentam a mesma proposta de longa data, num formato rígido e arbitrário. Tomando como base os preceitos da *Web 2.0*, devemos apresentar novos protótipos. Talvez, a desconfiança de estudiosos conservadores pelo olhar supostamente negativo à *Folksonomia* pode ser um fator determinante para o marasmo, mas o sistema híbrido pode ser o meio termo desse debate, o qual um modelo potencializará e influenciará o outro com vistas à colaboração social.

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, E. **O que é RSS?** 2011. Disponível em: <<http://www.infowester.com/rss.php>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- AGUIAR, T. P.; COSTA, I. C. da. A funcionalidade da catalogação: do livro aos recursos educacionais digitais. In: XXXIII Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação – ENEBD, João Pessoa, 18-24 de julho de 2010. **Anais...** Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/4/11>>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da web, **Revista da associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação**, da universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/165/166>>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- DA SILVA, M. B. **A teoria da classificação facetada na modelagem de dados em banco de dados computacionais**. 2011, 168f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- _____. **A aplicação da folksonomia em sistemas de informação**. In: 4º Encontro Brasileiro de Arquitetura da Informação – EBAI, São Paulo, 12-13 de novembro, 2010. Disponível em: <http://www.congressoebai.org/wp-content/uploads/ebai10/EBAI10_artigo10.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- _____; NEVES, D. A. B. Estudo sobre o uso da teoria da classificação facetada em banco de dados. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB, Rio de Janeiro, 25-28 de outubro de 2010. **Anais...** Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/283/165>>. Acesso em: 19 mar. 2013.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FRAGOSO, G. M.; DUARTE, R. Livro, leitura, biblioteca... Uma história sem fim. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 166-170, 2003/2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/383/467>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

HENN, G. **Apostila de Auxiliar de biblioteca**. Blogue: Extralibris concursos. 2010. Disponível em: <<http://biblioteconomiaconcurson.com/2010/04/23/auxiliar-de-biblioteca-livro-post/>>. Acesso em: 22 maio 2013.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Brique de Lemos, 1993.

LOPES, I. L.. Uso das linguagens controlada e natural em bases de dados: revisão da literatura. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 41-52, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a05v31n1.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

MEDEIROS, T. B. de. **Um estudo sobre a biblioteca das faculdades FACENE/FAMENE: em foco, a seção de multimeios**. 2010, 64f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

MIRANDA, M. L. C. de. **Organização e Representação do Conhecimento**: fundamentos teórico-metodológico na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais. 2005, 353f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação – Convênio CNPQ/IBICT – UFRJ/ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

OLHAR DIGITAL. **Quais são as redes sociais mais populares em cada país?** 2012. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/jovem/redes_sociais/noticias/quais-sao-as-redes-sociais-mais-populares-em-cada-pais->. Acesso em: 19 mar. 2013.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução á teoria da classificação**, 2. ed., rev. e aum. Rio de Janeiro, 1983.

RUSSO, M. **Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação**. [S.l.]: E-Papers, 2010.

SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, G.; KATO, D. **Taxonomia e Folksonomia**. 2010. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/gledson82/taxonomia-e-folksonomia>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

SILVA, N. dos S. **A contribuição da organização da informação na responsabilidade social da biblioteca da AMBEP**. 2011, 87f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

UFPB. **Biblioteca Central**: histórico. 2013 a. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufpb.br/>>. Acesso em: 21 mar. 2013.

_____. **Institucional**: histórico. 2013b. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/content/hist%C3%B3rico> >. Acesso em: 21 mar. 2013.

VIERA, A. F. G.; GARRIDO, I. dos S. Folksonomia como uma estratégia para Recuperação Colaborativa da Informação. **DataGramZero**, Revista de Ciência da Informação, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr11/Art_02.htm>. Acesso em: 21 mar. 2013.

WIKIPÉDIA. **Delicious**. 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Delicious>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. **Linkedin**. 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/LinkedIn>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

APÊNDICE A

Questionário



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciência da Informação

Prezado (a) Funcionário (a), solicitamos a sua colaboração, no sentido de responder a esse questionário, que tem como objetivo identificar os benefícios da implantação do uso da folksonomia, no Sistema de Automação da Biblioteca Central (Ortodocs). Ressaltamos que o presente questionário trata-se de uma análise em que as informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para fins de coleta de dados para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – Biblioteconomia/UFPB.

QUESTIONÁRIO

1) Qual é o seu grau de instrução?

Nível Fundamental Nível Médio Nível Superior

1.1) Se você possui Nível Médio, informe o tipo de formação:

Normal Técnico-Profissionalizante

1.2) Se você possui Nível Superior, informe o tipo de formação:

Graduação Especialização Mestrado Doutorado

1.3) Quanto ao Nível Superior, informe o seu curso:

2) Você usa a Internet com que frequência na semana?

- De 1 a 3 vezes por semana
 De 3 a 6 vezes por semana
 De 6 a 9 vezes por semana
 De 9 a 12 vezes por semana
 Mais de 12 vezes por semana

3) Você usa programas das redes sociais (*Web 2.0*):

Sim Não

3.1) Cite-os:

4) Você sabe o que significa Folksonomia?

Sim Não

5) Você costuma rotular/postar informações sobre produtos em Websites como Livrarias, Supermercados, Lojas etc.?

Sim Não

6) Você usa o Sistema de Automação da Biblioteca Central (*Ortodocs*)?

Sim Não

6.1) Como você classificaria os assuntos presentes na descrição do material procurado?

Suficientes Insuficientes

6.1) Justifique:

7) Você aprova o uso da Folksonomia no Sistema de Automação da Biblioteca Central (*Ortodocs*)?

Sim Não

8) Você gostaria de usar a Folksonomia no Sistema de Automação da Biblioteca Central (*Ortodocs*)?

Sim Não

9) Como você acha que a Folksonomia facilitaria sua pesquisa no Sistema de Automação da Biblioteca Central (*Ortodocs*)?

10) Você considera uma Biblioteca ser atualizada por fazer uso da Folksonomia?

Sim Não

Obrigada!
Andréa Moreira dos Santos